

# Economia deve retomar atividade

*Brasil*

**Concentração de datas-base deve recuperar poder aquisitivo e aumentar o consumo**

**DENISE NEUMANN**

A economia caminha para um terceiro trimestre de queda no nível de atividade, mas pode recuperar a trilha do crescimento no último trimestre do ano. A semana que passou emitiu sinais positivos e reacendeu alguns ânimos empresariais. A encomenda de embalagens para alimentos cresceu 10% em agosto, o governo começou a reduzir a estrutura de compulsórios e o varejo baixou os juros do crediário. Junto com isso, a partir da próxima semana e até dezembro 2,5 milhões de trabalhadores estarão negociando seus reajustes anuais. O reajuste salarial desses profissionais provocará um crescimento real sobre a massa de salários que está sendo paga no trimestre de julho a setembro.

O presidente da Associação Brasileira de Embalagens (Abre), Alberto Barbagallo, conta que a indústria de embalagens para alimentos estima encerrar o mês de agosto com um aumento de 10% nas vendas sobre julho, depois de três meses de queda. "O fundo do poço foi julho." Ele lembra que o setor tem a característica de antecipar o comportamento dos demais setores industriais. Para setembro, diz, a tendência é continuar subindo, mas em um ritmo inferior ao crescimento de

agosto.

No segmento de artefatos de papel, papelão e cortiça, as vendas de agosto ainda não demonstram reação, explica Sérgio Haberfeld, presidente do sindicato da indústria do setor. "Para setembro e outubro, contudo, as encomendas já estão crescendo", pondera. Ele acredita, entretanto, que essa recuperação não deve tirar o País da rota da recessão. Haberfeld teme, inclusive, que o governo acelere demais a retirada dos compulsórios e acabe provocando inflação. "As reformas não foram feitas, por isso é preciso a recessão".

O diretor do Departamento de Economia (Decon), da Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (Fiesp), Bóris Tabacof, avalia que a redução de alguns compulsórios, anunciada na noite de quinta-feira passada, é um sinal de que o governo não vai permitir que a recessão se instale. Ele lembra que desde o início do Plano Real, o Indicador do Nível de Atividade na Indústria (INA), calculado pela Fiesp, apresentou três semestres seguidos de desempenho positivo (6%, 9,1% e 4,6%) e caiu (2,6%) no segundo trimestre deste ano (quarto do Real).

Tabacof estava convencido de que haveria uma nova queda no terceiro trimestre e, caso não ocorressem mudanças, nova retração no

quarto, indicando o caminho da recessão. "Podemos trabalhar com expectativas mais otimistas", diz, sem arriscar que os próximos dados trimestrais já indiquem recuperação. Ele lembra que o nível de emprego caiu durante os primeiros 45 dias deste terceiro trimestre (julho-setembro).

Dois economistas que trabalham em empresas de consultoria estimam que a redução dos compulsórios não trará impactos imediatos de recuperação da atividade, mas

podem interromper o processo de queda. Flávio Nolasco, da Brasilpar, avalia que o processo de recessão não estava tão claro e o governo poderia ter esperado sinais mais consistentes antes de reduzir os compulsórios.

Roberto Padovani, da MCM Consultores, acredita que a redução dos compulsórios estabelece um barreira para a queda da atividade econômica e permite a manutenção do poder real de compra dos consumidores. "Não estaremos em recessão", observa, lembrando que os acordos coletivos do segundo semestre serão importantes para a preservação da renda da população.

No Dieese, órgão de assessoria econômica dos sindicatos, a avaliação é de que o crescimento sazonal da economia no segundo semestre é bastante influenciado pela data-base de 2,5 milhões de assalariados. É

a chamada "safra de salários". Entre setembro e dezembro, bancários, petroleiros, papeleiros, metalúrgicos e químicos estarão em negociação. "O salário desta parcela da população pode não recuperar o poder de compra da última data-base, 12 meses atrás, mas com certeza serão superiores ao último trimestre, ampliando o poder de consumo", diz Antônio do Prado, do Dieese. Ele lembra que, além dos salários, também estarão sendo pagos prêmios de distribuição nos resultados e o 13º salário.

O consumo de energia elétrica industrial caiu 2,8% em julho em comparação ao mesmo mês do ano passado. A queda não é igual nem aconteceu em todos os segmentos. Alguns ainda apresentam crescimento sobre o ano passado, como alimentos (3,8%) e químico (também 3,8%). Outros, como têxtil e papel e celulose estão em queda há mais meses. Sebastião Alves Pereira dos Santos, diretor financeiro da Eletropaulo, observa que os dados de consumo indicam que o desaquecimento já está bem configurado em muitos setores, mas não é generalizado.

Outro dado significativo que aparece nas análises de consumo de energia elétrica é o forte crescimento do consumo residencial e comercial. No varejo, o consumo de julho foi 18,2% superior ao mesmo mês do ano passado. Em residências, a alta foi de 13,6%, indicando, de acordo com Santos, um crescimento da economia informal. "Serviços de confecção e informática, por exemplo, passaram a ser feitos em casa."

**FÁBRICAS DE  
EMBALAGENS  
DEVEM VENDER  
10% MAIS**